

**Resenha**

## **RESENHA**

PINO, Cláudia Amigo & ZULAR, Roberto. *Escrever sobre escrever*. Uma introdução crítica à crítica genética. São Paulo: Martins Fontes, 2007.

Jaison Luís Crestani

Depois de uma série de contribuições prestadas para o estudo da gênese do texto literário, Cláudia Amigo Pino e Roberto Zular prometem reordenar o campo da crítica genética com a recente publicação do livro *Escrever sobre escrever*: uma introdução crítica à crítica genética (2007). A revisão proposta pelos autores percorre desde noções básicas da crítica genética, como é o caso do conceito de manuscrito, até as tendências metodológicas que orientam a elaboração do trabalho de análise genética.

No que concerne ao manuscrito, os autores operam uma abertura do conceito e, conseqüentemente, do campo de atuação da crítica genética: “por manuscrito entende-se qualquer documento no qual seja possível encontrar um traço do processo de criação, e não necessariamente os manuscritos autógrafos (do próprio punho do autor)” (PINO; ZULAR, 2007, p. 18). Os autores ressaltam também a possibilidade de se referir a versões publicadas em diferentes suportes, como, por exemplo, crônicas e outras produções textuais publicadas inicialmente em jornais e depois compiladas em livro, apresentando diferenças entre si (p. 20).

Nas abordagens tradicionais da crítica genética, prioriza-se o estudo do processo ou etapas da criação. O exame e definição desse percurso tende a percorrer as seguintes fases: *Dar a ver* (reunir os manuscritos, classificar, decifrar, transcrever, editar); *Construir hipóteses sobre o caminho percorrido pela escritura* (identificação de rasuras, acréscimos e elaboração de conjeturas sobre as operações mentais subjacentes); *Criar uma seqüência ou cronologia* (reconstruir o sentido das operações).

Sob essa perspectiva, “o valor não estaria na última versão, mas no processo de criação” (PINO; ZULAR, 2007, p. 30). No entanto, para Cláudia Pino e Roberto Zular, a reconstituição do processo constitui uma tarefa utópica e o estabelecimento da cronologia seria incoerente com as tensões, diálogos, descontinuidades e heterogeneidade das práticas de escrita. Na opinião dos autores, a escrita não pode se resumir a um processo porque “ela envolve hesitações, tensões por vezes insolúveis que não tendem a lugar nenhum, não têm um ponto de partida fixo, mas muitos que se definem sempre pelo passo seguinte, e não por uma tendência anterior, preexistente” (PINO; ZULAR, 2007, p. 40).

Com base nessas considerações, o objetivo dos autores é *propor um novo modelo teórico para a crítica genética, que não se apóie mais na noção de processo, e sim na de arqueologia* (p. 41). Investindo na noção de arqueologia proposta por Michel Foucault, segundo a qual os enunciados não podem ser entendidos sem as condições de sua enunciabilidade, os autores apontam para a necessidade de se pensar a criação literária “no âmbito das práticas

nas quais ela se insere, notadamente os modos de produção, circulação e recepção da escrita e [...] a partir do performativo, do universo discursivo em que cada texto opera, atentando para a ficcionalidade que percorre todo o processo” (PINO; ZULAR, 2007, p. 77).

Visando a entender cada enunciado dentro de seu espaço de enunciação, de circulação e de recepção, a proposta de Foucault rompe com o estruturalismo ao ligar o discurso com instituições externas a ele, mas, de outro modo, apresenta uma continuidade com o movimento, já que as regras dessas instituições só podem ser conhecidas a partir da análise do enunciado.

Sob essa óptica, o *manuscrito* transfigura-se como o lugar da emergência de diferenças e descontinuidades discursivas (rasuras, hesitações, variantes). Firmando-se a exigência de uma análise *arqueológica* fundamentada na articulação do discursivo com o não-discursivo, as novas tendências da crítica genética procuram entender, a partir do exame das condições de enunciabilidade, as “tensões, as contradições, as descontinuidades” evidenciadas no processo de elaboração dos enunciados (PINO; ZULAR, 2007, p. 157).

Nessa proposta de ampliação do âmbito da crítica genética, os autores promovem uma passagem do estudo do enunciado para o estudo da enunciação. O objeto de análise deixa de ser o estudo da obra e converte-se naquilo que antecede a obra. Esse redirecionamento do olhar crítico propicia uma abertura para se pensar os manuscritos no universo de práticas sociais, examinando, assim, as condições históricas específicas da produção escrita entre nós.

Essa perspectiva de análise torna-se aplicável, por exemplo, ao estudo da relação dos enunciados com o jornal, o qual configura o próprio modo de composição textual. Nessa linha, os autores mencionam a coerência e consistência do trabalho de Hélio de Seixas Guimarães, em *Os leitores de Machado de Assis: o romance machadiano e o público de literatura no século 19* (2004). Na esteira de Antonio Candido, “Guimarães demonstra como o horizonte de expectativa dos leitores empíricos está implicado na própria fatura do texto, ou, de maneira mais ampla, como as condições de produção e recepção deixam suas marcas na forma literária” (PINO; ZULAR, 2007, p. 63).

Desse modo, com base nas condições de enunciabilidade, o estudo da gênese deve priorizar a análise do movimento da enunciação (idas e vindas, correções, antecipações) e o caráter performativo da linguagem literária (os enunciados performativos não dizem, fazem; constroem aquilo que falam; seu fazer cria um mundo próprio). De acordo com as proposições de Jonathan Culler, em *Teoria literária, uma introdução*: “o performativo rompe o vínculo entre sentido e intenção do falante, já que o ato que realizo com as minhas palavras não está determinado pela minha intenção, mas por convenções sociais e lingüísticas” (*apud* PINO; ZULAR, 2007, p. 76).

A partir dessa visão performativa da literatura, os autores demonstram como a produção escrita liga-se à construção do próprio processo de leitura, corroborando as proposições de Umberto Eco, firmadas em *Lector in fabula* (1979), segundo as quais “o texto é um produto cujo destino interpretativo deve fazer parte do próprio mecanismo gerativo” (ECO, 2004, p. 39, grifo do autor).

Nessa nova proposta de análise fundamentada nas noções de descontinuidade, espaço de relações e práticas de escrita, os autores reafirmam a possibilidade – vislumbrada

por Almuth Gressilon e certificada por Philippe Willemart<sup>1</sup> – de se trabalhar sem os manuscritos, analisando o texto editado, suas edições, resenhas, correspondências e outros testemunhos. Nesse âmbito, pode-se contemplar também a análise das relações entre textos que possam dar conta de um movimento escritural. O movimento da escritura pode ser analisado, por exemplo, a partir da comparação do texto final de um autor e do texto de outro autor que serviu como inspiração ou fonte da escritura (cf. PINO; ZULAR, 2007, p. 101-4).

Propondo uma interação entre diversas tendências teóricas, os autores suspendem o esforço habitual de definir as “causas” de determinados movimentos escriturais, pontuando a necessidade de se priorizar “um diálogo de discursos, tanto da história como da lingüística, da sociologia, da teoria literária, da psicanálise, enfim, de todas as disciplinas que possam ajudar a entender as práticas de escrita” (PINO; ZULAR, 2007, p. 152).

Nessa abordagem interdisciplinar, cumpre averiguar o conjunto de disposições que determinam as condições de enunciabilidade: práticas de escrita, circulação e recepção. Para Cláudia Pino e Roberto Zular, “todos esses aspectos estão dentro de sistemas de produção econômicos, de momentos históricos, de valores estéticos” (p. 151). São formas de entender o homem e suas relações sociais a partir do estudo da escrita.

Para finalizar a proposta de ampliação do alcance teórico da crítica genética, empreendida em *Escrever sobre escrever*, os autores apresentam os “Desdobramentos teóricos” resultantes das considerações apresentadas no decorrer do livro. Desses desdobramentos, merece destaque a dinamicidade que se evidencia no movimento dos manuscritos:

Os manuscritos não são um documento inerte, mas um acontecimento num tempo e espaço próprios, ligados a uma série de condições de possibilidades históricas com as quais estão intrinsecamente relacionados. / Não se trata, pois, de partir dos documentos e chegar a um processo de criação, mas de *entender as tensões, as contradições, as descontinuidades nas quais eles operam e que operam neles*. (PINO; ZULAR, 2007, p. 156-7, grifo nosso)

Os autores ressaltam também a importância da autoria para estabelecer o modo de fruição do texto literário e a trama institucional que permeia a sua produção e circulação. Mais do que proprietário e entidade que confere unidade a uma série de textos, a firma do autor que acompanha a produção textual determina a maneira como esse texto deve ser recebido, dotando-o de certo estatuto que orienta a fruição. Além disso, a autoria exerce a função demonstrar que a escrita não circula no vazio, operando dentro de um rol de instituições e de uma rede social complexa que possibilita o seu arquivamento e a sua circulação.

Essas considerações em torno da trama institucional confirmam as proposições de Foucault sobre a relação entre saber e poder: “Nenhum saber se forma sem um sistema de comunicação, de registro, de acumulação, de deslocamento, que é em si mesmo uma forma de poder, e que está ligado, em sua existência e em seu funcionamento, às outras formas de poder” (*apud* PINO; ZULAR, 2007, p. 170).

Esses fatores dão mostras do número infinito de mediações que ocorrem entre o leitor contemporâneo e o autor: as condições de produção, circulação e recepção, o

arquivamento pelo escritor ou por outrem, a trama institucional, o “valor” atribuído ao autor, à construção do narrador, das personagens, e de tantos outros elementos que circundam as práticas de escrita.

Sob o olhar dos próprios autores, as contribuições teóricas de *Escrever sobre escrever* são definidas nos seguintes termos:

Tudo o que trabalhamos nesse livro está ligado a essa busca de inteligibilidade e de leitura crítica ao processo: seja pela elaboração de uma teoria das práticas de escrita e da própria prática dos geneticistas, seja pela *ênfase na historicidade dos modos de produção, circulação e recepção, ou ainda na visão performativa da linguagem e na operação sobre as descontinuidades que os manuscritos dão a ver.* (PINO; ZULAR, 2007, p. 184, grifo nosso)

Essa problematização efetiva do processo propicia, portanto, o estabelecimento de uma visada crítica fundamentada na fatura interna do enunciado, desdobrando, assim, as problematizações técnicas que tornam possível a constante atualização de seus modos de produção de sentido.

#### *Nota*

<sup>1</sup> “[...] até recentemente, achavam que a crítica genética devia estudar estritamente o manuscrito e os processos de criação. Hoje, a crítica genética ampliou seu campo nos dois extremos, o do começo e o do fim. A montante, a crítica genética abrange desde o universo mental do escritor e do artista até as marginais dos livros lidos, sua correspondência passiva e ativa, os livros consultados e os estudos de exogênese em geral; em aval, a crítica genética estuda o acabamento por outros da obra inacabada [...], as encenações diversas de uma peça de teatro ou as apresentações de uma mesma partitura musical, as ‘edições’ de um texto ou de um quadro pelo autor” (A. Grésillon *apud* WILLEMART, 2005, p. 3).

#### *Bibliografia*

- ECO, Umberto. *Lector in fabula: a cooperação interpretativa nos textos narrativos*. 2.ed. Tradução Atílio Cancian. São Paulo: Perspectiva, 2004.
- FOUCAULT, Michel. *Arqueologia do saber*. Rio de Janeiro: Forense, 1987.
- \_\_\_\_\_. *O que é um autor?* Lisboa: Vega, 1992.
- PINO, Cláudia Amigo; ZULAR, Roberto. *Escrever sobre escrever. Uma introdução crítica à crítica genética*. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2007.
- WILLEMART, Philippe. *Universo da criação literária*. São Paulo: Edusp, 1993.
- \_\_\_\_\_. *Bastidores da criação literária*. São Paulo: Fapesp; Iluminuras, 1999.
- \_\_\_\_\_. *Crítica genética e psicanálise*. São Paulo: Perspectiva; Brasília, DF: CAPES, 2005. (Estudos)